

11 DE NOVEMBRO

MANIFESTO ao povo de Lisboa e ao proletariado de todo o mundo

Reconhece-se geralmente quanto é incruenta a exploração, miseravel a vida que no actual regime politico e economico supporta a classe proletaria, — quanto é profunda a corrupção que sob mais d'um aspecto vai minando a existencia das classes dominantes, — quanto é infame a desigualdade que produz o tristissimo quadro sempre presente aos nossos olhos: abundancia e opulencia a um lado; fome e miseria ao outro. E attribuem-se esses aleijões das sociedades humanas á organização social d'hoje.

Lutar, portanto, contra esta é um dever indeclinavel; destruil-a uma necessidade urgente. E nenhum deve recusar a sua cooperação nessa obra de reivindicacão e justiça, que já conta grande numero de martires e tem empolgados milhares de individuos.

Neste intendido nos apresentamos no campo da luta. Sob a bandeira do communismo anarchista, porque emquanto não fôr supprimida a propriedade haverá exploração e emquanto estiver de pé a autoridade existirá a oppressão, faremos por despertar o espirito de revolta nas classes trabalhadoras, na multidão de famintos que vagueiam inertes por entre riquezas, — faremos por desenvolver a ideia, lançando mão de todos os meios, ainda os mais violentos, porque não pode haver violencia que apague ou vingue as degradações que esta sociedade podre nos faz soffrer.

Somos anarchistas; somos revolucionarios. E sem quereremos discutir certa opinião muito em voga, segundo a qual a revolução virá por si, pela força das coisas e não dos homens, afirmamos, pois é nossa firme crença, que todos nós podemos e devemos com o nosso esforço collectivo e individual preparar, apressar, provocar enfim a derrocada em que se ha de confundir tudo: sistemas, religiões, leis e instituições.

Admiramos muito a iniciativa individual, tanto no terreno das ideias, como no dos factos, e com todo o ardor dos nossos corações a invocamos contra a burguezia escondida e em guarda atraz dos codigos, do altar e das baionetas. Sabios, filosofos, artistas, mulheres, operarios, desherdados, ninguem espere a voz do commando, sigam todos combatendo consoante a sua vontade, as suas aptidões, o seu temperamento ou as suas paixões!

Isto, porém, não significa repudio da organização de forças. Iniciativa individual não quer dizer isolamento. A associação é indispensavel á vida humana. Todo aquelle que fôr energico, activo e amante da causa, deve procurar organizar e multiplicar grupos, em que, tendo cada um garantida a sua propria liberdade, todos possam trabalhar d'accordo e unidos; deve tratar de criar em torno de si uma vida fecunda de pensamentos e obras.

Que os trabalhadores, que os nossos companheiros nos sigam o exemplo.

Em grupos livres, como este, sem coartarem a sua accção individual, podem instruir-se e pugnar pela sua completa emancipação.

Uns dos martires da obra de justiça em que andam empenhados os anarchistas, são: Spies, Lingg, Parsons, Fischer, e Engel. Um dos maiores atropellos commettidos pela justiça burgueza é o que resalta do processo laboriosamente formado contra aquelles nossos camaradas e contra os camaradas Neebe, Schwab e Fielden, nos tribunaes americanos, desde maio de 1886 a 11 de novembro de 1887.

Não podia este grupo escolher melhor occasião para afirmar a sua existencia.

A commemoração que d'esta inolvidavel data se faz em toda a parte onde geme um peito de operario, em toda a parte onde pulsa um coração d'opprimido, exprime mais que sentimento de veneração por-

que testemunha gratidão pela obra dos justicados, importa mais que lagrimas porque recorda nosso sangue derramado, traduz mais que pesar porque é um protesto de represalias. Buscando nella novas forças e maior vigor para a lucta, que deve ser o nosso pensamento constante, vamos pouco a pouco trabalhando na vingança, proseguir o combate que levou á morte e ao carcere os nossos camaradas, é a melhor homenagem a prestar-lhes.

Assim o intendemos nós, assim o devem entender todos.

E' impossivel historiar no resumido espaço d'este manifesto, a cadeia de mentiras, arbitrariedades e infamias, que a magistratura da livre America cobria com suas becas. O leitor, mesmo, conhece-a senão pormenorizada, pelo menos nos seus traços principaes.

A burguezia norte americana pretendia matar a anarchia, supprimindo ou encarcerando os mais intelligentes e revolucionarios dos seus adeptos, os que se puzeram na vanguarda do movimento em favor do dia normal de trabalho de 8 horas, movimento que mais tarde havia de arrastar na Europa milhões de trabalhadores, e fazer tremar os governos. E os juizes, suas criaturas, fizeram-lhe a vontade.

Por parte dos anarchistas mostraram-se as irregularidades commettidas, vituperou-se o procedimento das autoridades, protestou-se a innocencia dos condemnados; criticou-se, argumentou-se, clamou-se. Tudo, porém, fôra em vão. Senão quando um novo governador sobe á administração do respectivo estado, revê o processo, e em documento por elle firmado em 26 de junho d'este anno, mandando pôr em liberdade os tres camaradas presos, corrobora os nossos protestos, confirma as nossas demonstrações, dá rasão aos nossos vituperios!!

A justiça burgueza ahí está, por esse documento, amarrada ao poste dos criminosos perversos.

O jury parcial e predisposto contra os reus foi devido á habil manipulação do juiz: os accusados estavam innocentes; não se apresentou prova alguma da sua culpabilidade. E' o governador John Altgeld quem o diz. A burguezia, então, como nós, os anarchistas, sempre dissemos, praticou scientemente um barbaro assassinio, ajuntando-o ao seu grande numero de crimes.

Como ella, nós devemos por isso ser implacaveis. No dia da vingança, que vem proximo, saiba cada um cumprir o seu dever!

Já dissemos com que proposito e aspiração entramos na luta. Fazer aqui um programma dos nossos actos futuros seria absurdo. Elles haverão de ser filhos das circumstancias, e estas não se prescrevem.

Terminamos affirmando a nossa solidariedade com todos os anarchistas, num fraternal abraço que lhes enviamos, e saudando todos os grupos de camaradas ao grito dos martires de Chicago:

Hurrah pela anarchia!

Lisboa 11 de novembro de 1893.

O GRUPO COMMUNISTA-ANARCHISTA

SEMPRE A VANTE.

REUNIÃO ANARCHISTA

Hoje 11 de novembro, pelas 8 horas da noite

NO

THEATRO TERPSICHORE

(Rua de N.^a Sr.^a da Conceição, á Praça das Flores)

Entrada franca

